

JOGOS OLÍMPICOS E GINÁSTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: pode ser espetacular!

*Larissa Graner*⁴¹

Resumo: Este texto faz uma reflexão sobre a possível aproximação entre o processo de ensino-aprendizado da ginástica na escola e o acontecimento das competições de ginástica nos jogos olímpicos. A ideia é partir da curiosidade gerada pelas imagens e sons da ginástica espetacular, apreciadas e narradas pelos alunos e alunas, para dialogar, reorganizar, ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre ela. Contudo, pretende-se ir além, confrontando-a por meio da projeção de imagens e sons de outras formas de manifestações gímnicas, proporcionando aos alunos e as alunas a elaboração e significação de suas próprias formas de praticar a ginástica, possibilitando a realização de seus próprios espetáculos de ginástica e a produção de suas próprias imagens e sons. Nesse processo, almeja-se ainda que os alunos e as alunas alcancem uma compreensão da ginástica de maneira mais aproximada das sistematizações científicas sobre o termo podendo apreciá-la e praticá-la nas suas diversas

formas de manifestação ao longo de suas vidas. Por fim, espera-se que a reflexão realizada possa contribuir para o processo de ensino-aprendizado da ginástica nas escolas.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Ginástica; Educação Física Escolar.

OLYMPIC GAMES AND GYMNASTICS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: it can be spectacular!

Abstract: This text reflects on the possible approximation between the teaching-learning process of gymnastics at school and the event of gymnastics competitions in the Olympic games. The idea is to start from the curiosity generated by the images and sounds of spectacular gymnastics, appreciated and narrated by the students, to dialogue, reorganize, expand and deepen the knowledge about it. However, it is intended to go further confronting it through the projection of images and sounds of other forms of gymnastic manifestations, providing students with the elaboration and meaning of their own ways of practicing gymnastics, enabling the realization of their own gymnastics

41 Mestra em educação pela FE – Unicamp (2013). Professora de educação física da rede municipal de Vinhedo – SP desde 2004. E-mail: larissagranersp@gmail.com

shows and the production of own images and sounds. Furthermore, in this process, it is expected that the students achieve an understanding of gymnastics in a way that is closer to the scientific systematizations about the term, being able to appreciate and practice it in its various forms of manifestation throughout their lives. Finally, it is expected that the reflection carried out can contribute to the teaching-learning process of gymnastics in schools.

Keywords: Olympic Games; Gymnastics; School Physical Education.

A ginástica na escola

A ginástica faz parte da história da educação física nas escolas do Brasil (SOARES, 2012), mas durante as últimas décadas tem sido pouco abordada nos currículos de educação física. A partir da segunda guerra mundial foi sendo substituída por jogos coletivos, relacionados a esportes e a sua prática limitada a momentos de "preparação" (BRACHT, 1992).

Esse fato começou a ser mudado a partir de obras produzidas nas décadas de 80 e 90 que passaram a denunciar a ausência da ginástica no currículo escolar (NISTA-PICCOLO, 1988), juntamente com outras, que passaram a defender a ginástica como objeto de conhecimento da área da educação física e como poderia ser tratada pedagogicamente na

escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Mesmo que por perspectivas diferentes, importantes publicações foram realizadas dando continuidade a esse trabalho, no sentido de contribuir com o tratamento pedagógico da mesma, tanto na escola como em outros contextos, como os trabalhos de Nista-Piccolo (1995), Gallardo (1993) e Gallardo e Souza (1997). Inspirados por esse movimento, outros trabalhos foram realizados especificamente para o desenvolvimento da ginástica nas escolas, como as pesquisas de Ayoub (1998), Toledo (1999), Schiavon, (2003), Bertolini (2005), dentre outras.

Por causa de todos esses esforços acadêmicos e de outros, o trabalho relacionado ao ensino-aprendizado da ginástica na escola começou a melhorar, tanto na abrangência quanto na qualidade. A ginástica foi contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e passou a integrar propostas curriculares de estados e municípios, como a proposta do estado de São Paulo (2009) e, mais adiante, integrou a Base Nacional Comum Curricular (2020). Atualmente, pode ser encontrada como proposta de estudo na escola em obras provenientes de diferentes abordagens da educação física escolar, como a de Bregolato (2002) e Neira (2014), em livros didáticos como o de Darido *et al.* (2017), além de textos com propostas de organização curricular como o de Barbosa-Rinaldi e Pizani (2017), por exemplo.

Somando-se a esses, existem diversos outros trabalhos publicados em eventos da área, algo que pode ser constatado com a pesquisa de Gomes, Oliveira e Toledo (2018), a respeito das publicações relacionadas à ginástica e à escola nas diversas edições do Fórum Internacional de Ginástica para Todos.

Todavia, a ginástica ainda não ocupa um espaço de equidade em relação aos outros temas trabalhados pela educação física na escola. Talvez, ainda perca a ideia reforçada pela mídia, de que a prática das ginásticas competitivas seja extremamente difícil e que “[...] só podem ser praticadas por ‘superatletas’ e orientadas por ‘supertécnicos’”. (AYOUB, 2007, p. 82). Além disso, há outros importantes fatores apresentados por Nista-Piccolo e Schiavon (2007), como a falta de conhecimento a respeito dos conteúdos, métodos e estratégias para o ensino. Como bem observado por essas pesquisadoras, tais fatores estão relacionados às falhas na formação profissional de professores e professoras e são dificultados (mas não impedidos) pela falta de materiais e infraestrutura nas escolas.

Necessário se faz, portanto, continuar buscando ideias, inspirações para melhorar o ensino da ginástica no país, tanto em abrangência quanto em qualidade. Com a aproximação do acontecimento dos jogos olímpicos, é retomada a reflexão sobre uma possível aproximação entre o processo de ensino-aprendizado

da ginástica na escola e as competições de ginástica realizadas nesse grande evento. Este texto se propõe a pensar ideias para esse desafio e inspirar professoras e professores.

Imagens-sons⁴², curiosidade, ponto de partida

Durante o ano em que os jogos olímpicos são realizados, os principais meios de comunicação como televisão, jornais, revistas e, principalmente nos últimos anos, a internet, gradativamente passam a noticiar os seus acontecimentos. São evidenciados os processos de preparação, a abertura do evento, as competições esportivas eleitas pelo Comitê Olímpico Internacional e uma série de outros assuntos relacionados a isso. O público que consome esses meios de comunicação recebe uma avalanche de informações relacionadas às modalidades esportivas participantes. Imagens de diversos esportes começam a chamar a atenção dos espectadores pelas suas brilhantes performances, mesmo acompanhadas de erros ou acidentes.

As competições da ginástica durante esse evento compõem grande parte de todo esse espetáculo. Sua gestualidade exibindo força, flexibilidade, equilíbrio, precisão, graciosidade, tem

42 O termo “imagem-som” é utilizado neste texto inspirado nas reflexões de Milton José de Almeida na obra “Imagens e sons: a nova cultura oral” (ALMEIDA, 1994).

um grande poder de chamar a atenção. Juntamente com as imagens, aparecem as falas dos comentaristas, das propagandas, das entrevistas e outras, que possibilitam a apreensão de diversos conhecimentos relacionados a essas modalidades, mesmo que de maneira sincrética. Essas são as imagens e os sons ensinando. De acordo com Almeida (1994), se antigamente a maioria dos conhecimentos eram transmitidos pela cultura oral, atualmente vivemos aprendendo pela nova cultura oral de imagens e sons:

Uma das coisas de que se fala muito é a influência da televisão e do cinema, a forte absorção e reprodução de comportamentos e visões de mundo expressas nesses meios. As imagens e os movimentos sonorizados do cinema e da televisão têm um grau forte de "realidade". Realidade no sentido de que aquilo que a pessoa está vendo "é", mais do que "parece ser" [...]. Essa proximidade real das imagens tem uma configuração muito próxima da oralidade, o que explica, em parte, o fato de que as imagens são, às vezes, mais fortes do que um texto (ALMEIDA, 1994, p. 9).

Tratando especificamente do esporte, Betti (1997, p. 37) traz a seguinte reflexão:

Para a televisão, importa tanto a **forma** de mostrar o esporte, como seu **conteúdo**. Uma consequência imediata é a fragmentação e a distorção do fenômeno esportivo, pois a televisão sele-

ciona imagens esportivas, e as interpreta para nós, propõe certo "modelo" do que é "esporte" e "ser esportista". Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo direto com a realidade, "como se estivesse olhando através de uma janela de vidro".

É por causa da forte influência dos meios de comunicação, que tratar dos jogos olímpicos com os alunos e alunas passa a ser um desafio para os professores e professoras de educação física nas escolas. Dependendo da opinião desses educadores e educadoras, a atitude diante do tratamento desse tema no contexto escolar pode modificar. O receio de que as ideias e as imagens transmitidas pela mídia possa atrapalhar a compreensão do que está sendo tratado na escola, leva à escolha de alguns profissionais por não tratar do assunto. Porém, negar esse acontecimento permite que a compreensão dos discentes a respeito do que se aprende na escola, não se relacione com o que se assiste, com os acontecimentos do mundo. Além de não exercitarem uma atitude crítica diante do que se vê, podem produzir ideias equivocadas. Contudo, é possível, por parte dos docentes e das docentes, um tratamento deste evento de maneira superficial. Nesse caso, acabarão apenas reforçando aquilo que a mídia já traz como informação, não realizando uma atitude crítica juntamente com alunos e alunas.

De acordo com Rodrigues e Montagner (2005, p. 1), “[...] se a pedagogia não promove um diálogo, o discurso torna-se o modelo e os alunos meros consumidores e reprodutores do espetáculo esportivo.” Daí a decisão em tratar do evento na escola, tentando relacionar os temas aprendidos ou que estão para aprender a esse acontecimento do mundo. Quando essa decisão é tomada por educadores e educadoras, encontra-se um grande desafio, pois o tratamento na escola irá “competir” com as interessantes imagens-sons produzidas pela mídia. De acordo com Rodrigues e Montagner (2005, p. 1):

O professor deve lidar com essa relação trazendo proveito para a sua proposta de ensino, tendo conhecimento de que ele mesmo é também um meio pelo qual o aluno colhe informações, possibilitando uma pedagogia do esporte que considere o que o aluno já sabe, e aproveitar este conhecimento direcionando-o de acordo com os objetivos do ensino.

É justamente no poder das imagens-sons e da atenção que geram nos alunos e alunas por causa de seu caráter espetacular, que professores e professoras podem considerá-las como potenciais geradores de curiosidade, como pontos de partida. Isso seria aproveitar os conhecimentos vindos pelas imagens-sons para ajudar os estudantes a passarem da “curiosidade ingênua” para a “curiosidade epistemológica”:

Na verdade, a curiosidade ingênua que, <desarmada>, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p. 34-35).

As modalidades competitivas da ginástica têm apresentado uma melhora nos resultados em competições internacionais nos últimos anos. No caso da ginástica artística masculina, Oliveira e Bortoleto (2009, p. 307) apontam que a modalidade teve uma evolução expressiva nos seus resultados competitivos internacionais, colocando alguns ginastas brasileiros entre os medalhistas desse esporte. Contudo, o aparecimento da ginástica nas suas formas competitivas na mídia ainda está restrito ao acontecimento desses eventos.

É por isso que o tratamento da ginástica na escola pode encontrar lugar perfeito para o grande desafio dos professores e professoras, quando inserida no contexto dos jogos olímpicos. Ao mesmo tempo em que o tratamento desse conhecimento precisa ganhar mais espaço e ser trabalhado na escola, por outro lado, durante os jogos olímpicos, as imagens-sons relacionadas à ginástica se tornam mais presentes, proporcionando verdadeiros espetáculos, possíveis de chamar a atenção dos alunos e alunas, podendo ser interessantes pontos de partida.

Seria partir das raras e oportunas imagens-sons da “ginástica espetacular”⁴³ para se chegar em muitos outros lugares.

Das imagens-sons às narrativas

Passa-se a pensar de que maneira tais ideias poderiam acontecer no cotidiano escolar. Para iniciar um trabalho como este, é preciso oferecer espaços para que as primeiras curiosidades dos alunos e alunas, a respeito do que estão assistindo e ouvindo relacionado à ginástica durante os jogos olímpicos, sejam narradas: “A narrativa constitui-se, então, numa forma particular de reconstrução da experiência, através da qual, mediante um processo de reflexão, dá-se significado ao acontecido ou vivido.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2012, p. 8).

Diversas formas de narrativas podem possibilitar aos professores e às professoras na compreensão das primeiras elaborações dos alunos e das alunas a respeito da ginástica nesse contexto. Continuar dialogando com elas, pode possibilitar seguir reorganizando, ampliando, aprofundando conhecimentos sobre este tema. Algumas estratégias, que já fazem parte do cotidiano escolar, como a realização de desenhos, frases, textos, recortes de imagens, podem compor um mural ou serem realizadas em um caderno de registro. A roda de

conversa pode ser outra estratégia. Ela pode ser realizada no início, no final da aula ou sempre que for pertinente. É possível também que o próprio professor ou professora faça uma seleção de imagens-sons relacionadas à ginástica no contexto dos jogos olímpicos (com a abertura, pequenos momentos de competições, entrevistas e outras) e faça uma projeção para a turma assistir na própria escola, para então propor diversos tipos de mural, tarefas no caderno e rodas de conversa. Nesse caso, o objetivo das imagens-sons selecionadas seria chamar a atenção, suscitar curiosidade, investigar o que sabem sobre o evento.

Organizando, ampliando, aprofundando conhecimentos das ginásticas participantes dos jogos olímpicos

É interessante que os alunos e as alunas apresentem as suas narrativas para a turma. Isso possibilita que o grupo todo saiba o que os colegas e as colegas estão elaborando e assim podem ampliar os interesses, curiosidades pelo tema e essas curiosidades podem tornar-se comuns. Pelas falas dos alunos e alunas será possível notar certo conhecimento a respeito do assunto, porém, do ponto de partida, esse conhecimento se apresentará de maneira sincrética, algo que Saviani (1991, p. 80) ajuda a entender quando afirma:

43 O termo “ginástica espetacular” é utilizado por Eliana Ayoub na sua obra “Ginástica geral e educação física escolar” (2007).

[...] a compreensão dos alunos é sincrética uma vez que, por mais conhecimentos e experiências que detenham, sua própria condição de alunos implica uma impossibilidade, no ponto de partida, de articulação da experiência pedagógica na prática social de que participam.

Sendo assim, para dar continuidade ao trabalho, as imagens-sons narradas em recortes, desenhos, frases, textos, falas poderão revelar o conhecimento prévio e a primeira curiosidade dos narradores e das narradoras. Ao mesmo tempo, poderão oferecer uma oportunidade para o professor ou para a professora, de encontrar pontos iniciais para um diálogo. Um diálogo em direção à problematização (SAVIANI, 1991, p. 80), momento em que se procura detectar quais questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e quais conhecimentos serão necessários dominar.

Dessa forma, na continuidade desse processo, é importante que o professor ou a professora tenham a sensibilidade para realizar bons encontros entre os conhecimentos que são necessários dominar revelados pelas narrativas e as práticas pedagógicas que ajudarão na organização, ampliação e aprofundamento de tais conhecimentos, ou seja, na instrumentalização. De acordo com Saviani (1991, p. 81), a instrumentalização é o momento do processo que são apropriados pelos alunos e alunas, instrumentos teóricos e práticos

necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social.

Assim, conforme as curiosidades narradas pelos alunos e alunas forem demonstrando a necessidade de maior organização, com ampliação e aprofundamento em determinados saberes relacionados à ginástica, os professores e as professoras precisam seguir tratando de temas ao longo das aulas, que possam trazer instrumentos teóricos e práticos para que esses saberes se desenvolvam.

Todo esse processo não pode ser antecipado neste texto, pois se constitui no cotidiano escolar com todas as suas especificidades. Entretanto, é interessante que o professor ou a professora façam um estudo a respeito de saberes relacionados à ginástica, para que possa ajudar alunos e alunas nessa organização (mesmo sabendo que o cotidiano escolar demandará novos estudos e suscitará outros aprendizados). Abaixo será apresentada uma sugestão de alguns pontos de estudo que possam ajudar os docentes e as docentes nesse processo:

- As modalidades da ginástica que participam dos Jogos Olímpicos: Ginástica Artística Feminina (GAF), Ginástica Artística Masculina (GAM), Ginástica Rítmica (GR) e Ginástica de Trampolim (GT)⁴⁴;

44 Para o estudo a respeito de diferentes expressões da ginástica e os seus fundamentos, consultar a obra

- As características dos gestos gímnicos da GAF, GAM, GR e GT. As principais diferenças entre essas modalidades na sua gestualidade e o que se pode perceber de comum em cada uma delas;
- Os diferentes aparelhos utilizados na GAF, GAM, GR e GT. Quais utilizam aparelhos de grande porte e qual usa aparelhos portáteis;
- Os espaços utilizados pela GAF, GAM, GR e GT;
- Os tempos médios de cada prova realizada na GAF, GAM, GR e GT;
- A utilização ou não da música na GAF, GAM, GR e GT;
- As vestimentas utilizadas na GAF, GAM, GR e GT;
- O número de participantes nos diferentes tipos de provas da GAF, GAM, GR e GT;
- As regras gerais de competição da GAF, GAM, GR e GT;
- A relação entre os aspectos (participantes, espaços, tempos, gestualidades, aparelhos e regras) na constituição de cada uma das modalidades (GAF, GAM, GR e GT) como um todo;
- As histórias das modalidades da ginástica que participam de uma competição olímpica. Quais indícios dessas histórias podem ser percebidos nas suas gestualidades, aparelhos, tempos, espaços, regras, vestimentas, participantes?⁴⁵
- A história de vida das pessoas que praticam a GAF, GAM, GR e GT e chegam a uma competição olímpica. O que essas histórias podem ensinar a respeito da vida de atleta como condições de saúde, condições psicológicas, condições de treinamento, como acontecem os seus estudos e a sua vida financeira?⁴⁶

Esses são apenas alguns exemplos. Além desses podem existir outros estudos que poderão ajudar na organização e compreensão das modalidades da ginástica no contexto dos jogos olímpicos. Como dito anteriormente, muitos podem surgir a partir do que o grupo produzir como curiosidade, do conhecimento que apresentarem, das características da turma. Podem ser reunidos e combinados com foco de estudo em uma modalidade, podendo ser estudados isoladamente com foco nas quatro modalidades olímpicas, dentre outras combinações.

Conforme esses temas forem surgindo e sendo trabalhados é

de Nunomura (2016). Para reflexões aprofundadas a respeito das modalidades da ginástica no contexto do alto rendimento, verificar as obras de Bortoletto (2004), Schiavon (2009), Brochado e Brochado (2011), Schiavon *et al.* (2014).

45 As narrativas realizadas na obra "O processo de ensino aprendizagem da ginástica na 'minha escola'" (PINTO, 2013) trazem uma reflexão sobre a possibilidade de estudo da relação entre indícios históricos e gestualidades da ginástica nas aulas de educação física na escola.

46 Importantes informações a respeito da vida de atletas femininas da ginástica artística podem ser encontradas na tese de doutorado "Ginástica artística feminina e história oral: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)" (SCHIAVON, 2009).

possível realizar propostas práticas relacionadas a eles. Tais temáticas podem ser abordadas nas próprias aulas em que as narrativas forem apresentadas ou em qualquer outro momento do processo que se acreditar importante.

Para uma melhor explanação das ideias aqui tratadas, considera-se interessante apresentar algumas propostas inspiradas em alguns dos temas de estudo exemplificados acima, supondo que determinada turma da escola tenha indicado curiosidades relacionadas à ginástica, que necessitam estudar tais temas para uma melhor compreensão sobre ela.

Uma dessas propostas de estudo é a de observar as principais características das gestualidades das modalidades da ginástica participantes dos jogos olímpicos, o que seria comum entre elas e o que seria diferente em cada uma delas. Essa possibilidade de estudar o que é comum entre as diversas manifestações gímnicas é revelada pelos trabalhos de Russel e Kinsman (1986) e pode ser encontrada em Nunomura *et al.* (2016, p. 226), quando apontam que a partir de um olhar voltado para a biomecânica das práticas da ginástica, nota-se que são constituídas por seis padrões comuns de movimento: posições estáticas, saltos, deslocamentos, rotações, balanços e aterrissagem.

Outra possibilidade de estudar o que é comum na gestualidade da ginástica na sua forma

competitiva, trata-se de realizar um olhar histórico sobre elas. Aqueles olhares que apontam que as modalidades da ginástica competitiva, de maneira geral, têm suas origens na fusão e esportivização de práticas originárias dos Métodos Ginásticos Europeus (LANGLADE; LANGLADE, 1970, p. 31) e observam que esses métodos, de maneira geral, tiveram suas inspirações em práticas voltadas para o campo dos divertimentos (SOARES, 2005, p. 18).

Em princípio, um estudo partindo dessas duas ideias parece um pouco difícil, porém, pode ser iniciado de maneira sutil como é imaginado a seguir:

- Apresentar aos alunos e alunas imagens-sons das competições de ginástica nos jogos olímpicos, ajudando-os (as) a reconhecer os padrões mecânicos de movimento (posições estáticas, saltos, deslocamentos, movimentos de rotação, balanços, aterrissagem) nas gestualidades. Tentar visualizar como essas gestualidades, constituídas de retidão e rigidez, ao mesmo tempo, possuem vestígios de práticas corporais relacionadas ao campo dos divertimentos (como as danças, as acrobacias e outras que atualmente podem ser encontradas no circo). Dependendo do ciclo em que forem abordadas, as reflexões podem

ser simplificadas ou aprofundadas;

- Continuar o estudo com propostas práticas, tomando como tema “posições estáticas”;
- Realizar um preparo corporal, que aqui é sugerido pela brincadeira estátua, em que os alunos e alunas podem deslocar-se (correndo e ocupando os espaços, passando por pequenos obstáculos, dançando) e ao sinal da professora ou professor devem posicionar o corpo em estátua. (É interessante que os preparos corporais introduzam os alunos e alunas ao tema da aula);
- Pedir que os alunos e alunas criem uma posição estática com o corpo (que não seja arriscada ao ponto de se machucarem);
- Sugerir que um aluno ou uma aluna apresente o que criou para todos do grupo;
- Caso seja possível e não seja arriscado, pedir para que o grupo tente realizar o que foi apresentado. Continuar com essa dinâmica em que os alunos e alunas demonstram suas ideias para todos tentarem realizar até que essas sugestões tenham sido bastante exploradas;
- Então, a professora propõe aquilo que ainda não foi sugerido. Por exemplo, dentro das possibilidades de realizar posições estáticas com o corpo (apoiando apenas um pé no chão, apoiando um pé e duas mãos no chão, apoiando um pé e uma mão no chão, apoiando apenas o quadril no chão, em duplas, entre outras), qual ainda não foi explorada pelos alunos e alunas? A partir dessas novas ideias, a dinâmica anterior pode recomeçar, ou seja, alguém demonstra uma maneira de realizar a nova proposta e o grupo pode tentar;
- Ensinar os elementos básicos e tradicionais da ginástica, como o afundo, o avião, a vela, a parada de três apoios e outras (avaliando as condições de segurança), atentando os alunos e as alunas sobre a retidão e rigidez, como desafios a serem tentados, relatando as transformações ocorridas com as práticas corporais relacionadas ao campo dos divertimentos no processo de constituição das práticas de ginástica presentes atualmente;⁴⁷
- Pedir que os alunos e alunas realizem em grupos, uma composição a ser apresentada, constituída por um conjunto de gestualidades realizadas na aula. Tais gestualidades além de incluir as posições estáticas

47 No seu estudo, Larissa Graner Silva Pinto (2013) percebeu que o ensino dos indícios da história nas gestualidades das aulas de ginástica na escola, ajudava na realização da própria gestualidade pelos alunos e pelas alunas.

que aconteceram nas primeiras criações, podem compreender outros gestos que surgirem nas discussões e elaborações do grupo. Nessa organização, as sugestões individuais podem ser transformadas;

- Apresentar o que foi elaborado e assistir às apresentações dos outros grupos;⁴⁸
- Roda de conversa. Nessa roda, além de abordar assuntos que os alunos e as alunas desejarem, pode-se discutir sobre o momento da aula em que, em meio às posições estáticas sugeridas pelos alunos e alunas, houve uma intervenção para ensinar elementos tradicionais da ginástica, buscando a retidão e a rigidez. Nesse momento, é possível refletir sobre os princípios e as finalidades dessa recriação das gestualidades na história da ginástica e sobre a maneira como foram sentidas e significadas pelos alunos e pelas alunas na aula.

Este trabalho pode ser continuado para tratar a questão dos diferentes aparelhos e espaços utilizados nas modalidades da ginástica participantes dos jogos olímpicos. O estudo deles pode ajudar a compreender as

diferenças nas suas gestualidades, complementando as reflexões realizadas na aula exemplificada acima. A estratégia é experimentar as posições corporais estáticas em diferentes situações que buscam aproximações com aquelas vividas corporalmente em diversos aparelhos ou portando um aparelho. Abaixo é apresentada uma proposta de estudo que poderia ser realizada:

- Roda de conversa para identificar em imagens (desenhos, fotografias) os aparelhos utilizados em cada modalidade da ginástica presente nos jogos olímpicos;
- Preparo corporal: entregar um arco para cada aluno ou aluna, pedir que o deixem no chão e que corram pelo espaço, saltando-os. Ao sinal do professor ou professora, devem parar dentro do círculo formado pelo arco, realizando uma posição estática;
- Sugerir que cada pessoa portando um arco tente realizar uma posição estática sem encostá-lo no chão;
- Sugerir que cada pessoa, portando um arco, tente realizar, de maneira contínua, uma posição estática por alguns segundos, seguida de balanceamentos e circunduções e finalize com outra posição estática;
- Sugerir que cada pessoa, portando um arco, tente realizar, de maneira fluida,

48 No seu estudo, Larissa Graner Silva Pinto (2001) faz uma reflexão sobre a importância do ensino da relação entre quem se apresenta e quem assiste em apresentações de ginástica, para a compreensão dos alunos e alunas a respeito da expressão corporal como linguagem.

- um movimento de rotação do arco no chão, seguindo para uma posição estática por alguns segundos e, em seguida, tente recuperar o arco, sem deixá-lo cair no chão;
- Solicitar que um aluno ou uma aluna apresente ideias realizadas nas três propostas anteriores para a turma tentar realizar;
 - Continuar a dinâmica anterior com outras pessoas apresentando ideias;
 - Tentar realizar uma posição estática por alguns segundos antes e após passar por um obstáculo saltando. Seria interessante saltar passando pelas gavetas de um plinto, mas caso a escola não tenha esse material disponível, pode-se saltar passando por outra pessoa, como na brincadeira pula sela ou pula sapinho;
 - Tentar manter-se em alguma posição estática sobre uma superfície da largura e comprimento de uma trave de equilíbrio (os limites podem ser estabelecidos por cordas no chão);
 - Tentar manter-se em alguma posição estática sobre uma estrutura que seja um pouco mais alta do que o chão. Pode ser sobre as gavetas de um plinto ou outra estrutura da escola, caso as condições sejam seguras;
 - Caso a escola tenha algum equipamento no qual seja possível pendurar-se com segurança, pedir que os alunos e as alunas experimentem se posicionar parados por alguns segundos com o corpo em suspensão;
 - Elaborar uma composição em grupo inspirada nas posturas realizadas na aula para ser apresentada para toda a turma;
 - Apresentar o que foi elaborado e assistir às apresentações dos outros grupos;
 - Realizar uma roda de conversa a respeito das experiências de realizar posições estáticas a partir de diferentes situações de espaço e aparelhos. Qual é a diferença entre realizar uma posição estática antes e após saltar um obstáculo e fazer uma posição estática antes e após um balanceamento e uma circundação de um aparelho portátil? Qual é a diferença entre realizar uma posição estática enquanto está sobre um aparelho alto, um aparelho estreito e realizar uma posição estática enquanto mantém um aparelho portátil em rotação? Qual é a diferença entre realizar uma posição estática mantendo um aparelho portátil sobre o corpo e mantendo o corpo suspenso em um aparelho de grande porte?

A ideia com essas práticas, além de identificar os aparelhos utilizados nas modalidades competitivas da ginástica presentes nos jogos olímpicos, é realizar uma reflexão com os alunos e alunas a respeito de como a especificidade da gestualidade de cada uma das modalidades da ginástica é constituída por um conjunto de fatores, sendo os espaços e aparelhos alguns deles. Além disso, é possível demonstrar aos alunos e às alunas que esses aparelhos apresentam indícios dos princípios e finalidades específicos da história de cada uma dessas modalidades, o que influenciou a constituição da especificidade da sua gestualidade. A ginástica rítmica, oriunda de propostas do método sueco com grandes influências da dança, constitui a sua gestualidade com ênfase na expressividade, no ritmo e na música (TOLEDO, 2016, p. 151-152). O uso de aparelhos parece vir ao encontro da ênfase recebida por ela. De acordo com Langlade e Langlade (1970, p. 109), para um dos seus influenciadores, Henrich Medau, “[...] *los aparatos constituyen una suerte de procedimiento metodológico para lograr movimientos rítmicos, fluidos y totales.*”. Em oposição a essa suavidade, no caso das modalidades da ginástica artística, o uso dos aparelhos pelos quais o corpo fica suspenso, salta sobre obstáculos, desloca-se em equilíbrio, parece ter grandes relações com os ideais do seu grande precursor Friedrich

– Ludwig Jahn. De acordo com Langlade e Langlade (1970, p. 344), “[...] *Jahn reprocha a los estudiantes su blandura, exhortándolos a fortificarse, a endurecerse, a despertar su espíritu combativo por medio de los ejercicios físicos.*”. Tudo isso pode ser conversado com os alunos e as alunas, para a compreensão de que os gestos são constituídos historicamente e continuam em transformação, para a compreensão das práticas corporais como forma de expressão, como linguagem.

Por fim, para esta aula, não foi possível imaginar um estudo aproximado das situações do trampolim acrobático, pois se pretendeu demonstrar exemplos mais próximos das realidades nas escolas brasileiras. Contudo, é possível destacar a relação entre esse aparelho e sua gestualidade (controle do corpo ao saltar e aterrissar sobre uma superfície instável e elástica e ter grande controle do corpo na sua fase de voo), e como esses fatores estão relacionados à especificidade da sua história, ou seja, a sua relação com acrobacias e redes de proteção do circo (POL; STEIGLEDER; DORNELLES; PADILHA, 2006). Com a presença de um trampolim na escola, ou de um material semelhante adaptado, isso pode ser também vivenciado.

Como dito anteriormente, as práticas exemplificadas buscaram ser acessíveis no que se refere aos materiais que geralmente estão disponíveis na

escola ou que são mais fáceis de serem providenciados. São atividades possíveis de serem realizadas na ausência da maioria dos aparelhos oficiais. A ideia aqui é encorajar, mesmo que existam essas dificuldades. De acordo com Schiavon e Nista-Piccolo (2007, p. 147): “Quando o professor tem o conhecimento do conteúdo a ser ensinado e de como deve ensinar, pode transformar suas ideias em uma prática possível, inclusive criando alternativas de materiais”. Compreende-se que os materiais oficiais são difíceis de serem adquiridos pela maioria das escolas públicas brasileiras, mas caso haja interesse e seja possível, Schiavon (2003) apresenta algumas propostas de construção de materiais alternativos para a GA e GR.

Esses estudos poderiam ser continuados abordando, por exemplo, a questão das regras e o processo de esportivização das modalidades. A turma poderia estabelecer, em acordo, cinco possibilidades de posições estáticas a serem compostas em grupo para a realização de uma série a ser apresentada para toda a classe. A turma pode estabelecer, por exemplo, “ser obrigatório” realizar uma série com posições estáticas com apoio do corpo em um pé, após saltar um obstáculo e após lançar e recuperar um objeto, além de uma postura livre para a posição inicial e outra para a posição final da série. Então, outras reflexões

poderiam ser realizadas: Como é realizar uma composição tendo que cumprir requisitos obrigatórios em uma sequência realizada por todos do grupo? E se essa sequência fosse avaliada individualmente? Como seria se tivessem que realizá-las interpretando uma música? Como seria se fossem compará-las umas com as outras?

É importante considerar que o tema exemplificado para o estudo (posições estáticas) está inspirado nos trabalhos a respeito dos padrões de movimento presentes nas modalidades da ginástica, com olhar voltado para as modalidades competitivas presentes nos jogos olímpicos. O modo como esse tema é proposto aos alunos e às alunas, está fundamentado em algumas reflexões presentes na obra “O processo de ensino-aprendizado da ginástica na ‘minha escola’” (PINTO, 2013) e que têm a oportunidade de ser aqui sintetizadas: Na apreensão dos conhecimentos (fundamentada na relação indícios históricos/gestualidade), as narrativas corporais dos alunos e das alunas são contempladas em processos de criação coletivos que acontecem do início até o final do processo. Essas criações, relacionadas à apreensão dos conhecimentos, iniciam de maneira sutil no preparo corporal e continuam nas sugestões individuais (que são logo socializadas), nas sugestões propostas pela professora ou pelo professor e nas criações

em grupo para serem apresentadas e assistidas⁴⁹. Acredita-se que, nessa proposta, as narrativas do corpo em diálogo com o conhecimento continuam sendo consideradas.

Esses são apenas exemplos de trabalho e podem acontecer de diversas maneiras. As narrativas e os diálogos com os alunos e as alunas podem produzir diversas ideias. É preciso ter atenção a elas.

A ginástica para além dos jogos olímpicos

Assim como defendido desde o início do texto, a ideia é aproveitar desse grande evento, da atenção gerada pela imprensa, das imagens-sons narradas, como um ponto de partida para ensinar a respeito da ginástica, iniciando pelos jogos olímpicos e continuando o estudo para além dele. Na continuidade desse estudo é preciso que questões importantes sejam asseguradas. Em algum momento desse processo é necessário destacar para os alunos e as alunas:

- Que existem outras modalidades da ginástica que realizam grandes competições, por exemplo: Ginástica Acrobática, Ginástica Aeróbica, Ginástica Estética, dentre outras;

- Que é possível praticar modalidades competitivas da ginástica, presentes ou não nos jogos olímpicos, porém sem o objetivo de competir;
- Que é possível praticar aquelas modalidades de ginástica mesmo não realizando os elementos gímnicos mais difíceis, de alto nível de desempenho físico;
- Que não somente aqueles tipos físicos de corpo podem praticar aquelas modalidades de ginástica, mas sim pessoas de diferentes níveis de desempenho físico, pessoas de diferentes idades, pessoas com deficiências e pessoas dos diferentes gêneros;
- Que outras expressões da ginástica existem além das modalidades competitivas e com diferentes objetivos: para a saúde, para o condicionamento físico, para o autoconhecimento, para o convívio social, para o prazer, para a realização de apresentações, sendo que esses objetivos podem combinar-se na prática da ginástica.

Contribuindo para essa compreensão, uma interessante estratégia pode ser a projeção de novas imagens-sons para os alunos e alunas. Imagens-sons selecionadas para dialogar, debater, confrontar com imagens-sons assistidas nos jogos olímpicos.

⁴⁹ Na obra citada é explicado como esse método pedagógico é sintetizado a partir da integração e transformação de outros três presentes em Nista-Piccollo (1995), Perez Gallardo e Souza (1993) e Ayoub (1998).

Por isso, propõe-se aqui a projeção de imagens-sons sobre as Gymnaestradas Mundiais⁵⁰. A Gymnaestrada Mundial é um festival de ginástica para todos⁵². A ginástica para todos é uma forma participativa e inclusiva da ginástica. Sua prática é composta por diversas expressões gímnicas e pode incorporar elementos de outras práticas corporais como as danças, os jogos, as lutas, as práticas circenses, além de dialogar com outras formas de expressão como a música, as artes cênicas, as artes plásticas, dentre outras. Sua característica inclusiva permite que pessoas de diversas idades e condições físicas participem da sua prática, geralmente realizada para o prazer. Pertencente à Federação Internacional de Ginástica, a Gymnaestrada Mundial acontece a cada quatro anos e desde a sua criação tem sido sediada por algum país da Europa, mas recebe milhares de participantes de todos os continentes. Ao longo de uma semana, crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência realizam apresentações de ginástica e prestigiam

as apresentações de grupos de diversos países, tendo a oportunidade de aprender, conhecer pessoas de diferentes culturas, estabelecer laços de amizade e de se divertir.

Acredita-se que o estudo a respeito da ginástica para todos e das Gymnaestradas Mundiais pode contribuir para o que Betti, (1997, p. 266) expressa: "Devemos, portanto, sempre considerar a possibilidade da mudança, e manter vivos os contra-estereótipos: ao lado das medalhas, a satisfação pessoal de praticar esporte; ao lado do esporte trabalho, o esporte lazer, etc.". Especificamente para o estudo a respeito da ginástica, Ayoub (2007, p. 86) propõe "[...] uma retomada da ginástica na escola por meio do 'confronto' entre as tradicionais e as novas formas de exercitação, possibilitando aos alunos uma prática corporal que lhes permita atribuir 'sentido próprio às suas exercitações ginásticas'".

Pode ser que, mediante as aulas como as exemplificadas anteriormente, o confronto entre antigas e novas formas de exercitação da ginástica tenha sido sutilmente realizado e os processos de criação tenham permitido aos alunos e às alunas atribuir sentido próprio às suas exercitações ginásticas. Porém, aqueles foram apenas exemplos.

Caso professoras e professores optem por abordar o ensino da ginástica competitiva de maneira diferente nas suas propostas de estudo e prática (por

50 Uma diversidade de vídeos a respeito das Gymnaestradas Mundiais pode ser encontrada no site oficial da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Para iniciar, considera-se interessante assistir a apresentação "This is the World Gymnaestrada – We are gymnastics!" (2019), disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=Zl1GPR1DQ5Y>.

51 Para maiores informações a respeito da Gymnaestrada Mundial, consultar as obras de Souza (1997), Ayoub (2007), Santos (2009), Paoliello *et al.* (2014) e Bortoleto e Paoliello (2017).

52 Para maiores informações a respeito da ginástica para todos, consultar as obras de Souza (1997), Ayoub (2007), Toledo e Silva (2013), Paoliello *et al.* (2014), Oliveira e Toledo (2016) e Bortoleto e Paoliello (2017).

outros conteúdos e métodos), considera-se imprescindível que ampliem os estudos sobre a ginástica com os seus alunos e as suas alunas a partir dos pontos ressaltados acima. Tanto para um caso, como para o outro, aconselha-se a seguir com novas propostas práticas a partir das narrativas dos alunos e das alunas a respeito do que assistiram sobre uma Gymnaestrada Mundial ou a respeito de outras imagens-sons relacionadas à ginástica para todos.

É possível acrescentar a continuidade dessas propostas práticas com perguntas para a turma a respeito de quais gestualidades realizadas anteriormente interessaria conhecer mais ou quais ainda não foram vivenciadas e apreciariam aprender. Não seria necessário seguir uma modalidade da ginástica, mas sim gestos gímnicos que agradaram ou que têm curiosidade, experiências corporais que desejariam continuar desenvolvendo coletivamente.

Muito importante nesse processo é a realização de criações em grupos⁵³, dessa vez a respeito de tudo o que gostariam de expressar sobre o que estudaram sobre a ginástica. Muitas vezes, a partir dessas criações, o professor ou a professora pode ajudar a agrupá-las, "costurando-as" como uma "colcha

de retalhos" para uma apresentação com toda a turma. Pode-se inclusive, encontrar um tema que permeie a todas elas e esse ser o tema de uma apresentação realizada por todos da turma, a ser apresentado em um festival de ginástica na escola ou em algum outro evento. O professor ou a professora pode encontrar também um tema que permeie as criações das turmas que frequentam determinado ano. Assim, caso venham a apresentar-se, cada ano será representado por um tema diferente, inspirado nas suas próprias criações. Pode ser que as criações de todos os alunos e alunas da escola, com as suas particularidades, acabem representando outro grande tema. Em todas essas possibilidades, as apresentações podem compor um festival de ginástica que poderá expressar um grande tema para a produção de um espetáculo na escola. É importante considerar que as apresentações, por mais organizações, orientações, readequações que tenham por parte do professor ou professora (e isso é necessário), devem ter suas gestualidades constituídas das pequenas criações realizadas pelos alunos e alunas, só assim poderá representar suas expressões e poderá ser uma experiência prazerosa. As criações em grupo relacionadas à ginástica podem ter como tema um assunto que a turma tenha estudado em outras disciplinas e escolhido para serem tratados ali. As criações de ginástica em grupo nesse final

53 Para conhecer reflexões sobre processos de criação coletiva vivenciados na escola pública consultar Pinto (2013), Ayoub e Graner (2013) e conhecer reflexões sobre processos de criação coletiva vivenciados no Grupo Ginástico Unicamp, consultar Graner, Paoliello e Bortoleto (2017).

de processo também podem se inspirar em um grande tema relacionado a outros projetos estudados por todos da escola, sendo narrado (predominantemente) pela linguagem corporal, partindo dos estudos das expressões gímnicas realizados por toda a escola.

Ao longo desse estudo, o professor ou a professora pode solicitar que os alunos e as alunas (por um revezamento) realizem o registro de todas essas aulas em fotografias ou em vídeos, incluindo o dia do festival escolar. Pode-se produzir entrevistas, reportagens, pequenos filmes para toda a escola assistir posteriormente. Acredita-se que o estímulo à manipulação direta das imagens pelos alunos e pelas alunas pode contribuir para a compreensão deles sobre o trabalho da mídia, desmistificando-a (EURASQUIM; MATILA; VAZQUES *apud* BETTI, 1997, p. 45).

Ainda sobre criar

Com relação às criações, é interessante considerar que, em meio àquelas produzidas em prática (pequenas criações nas atividades das aulas, produção de apresentações em grupos, produção de apresentações da turma como um todo em festivais da escola, produção de imagens-sons) existe também a possibilidade de recriar a ideia de ginástica. Sendo possível realizar novas narrativas por meio de desenhos e escritas a respeito do que foi vivido, arrisca-se a inferir

que nelas serão encontradas sistematizações a respeito da ideia de ginástica, mais elaboradas que nas primeiras narrativas. Nesse processo de apreensão do conhecimento e criações, ideias relacionadas à ginástica passam por sistematizações, deixando de ser sincréticas para uma nova sistematização talvez mais aproximada das sistematizações científicas sobre o termo. Chega-se ao momento da *catarse*: Isso é considerado como: “[...] a efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social” (SAVIANI, 1991, p. 81). Isso interessa muito ao processo de escolarização.

Do aplauso ao olímpico aos aplausos na escola

As reflexões propostas por este texto se iniciam imaginando o estudo da ginástica pelos alunos e alunas na escola a partir do contexto do esporte espetáculo e se encerram imaginando um espetáculo de ginástica pelos alunos e alunas na escola. Inicia-se com alunos e alunas narrando imagens-sons assistidas e chega à produção dos alunos e das alunas das próprias imagens-sons.

Por um lado, pretende-se que compreendam melhor o que irão assistir a respeito das modalidades da ginástica no contexto das competições de alto rendimento, podendo, inclusive, serem potenciais apreciadores dessa forma de espetáculo, em que, dependendo do ciclo de

escolarização que estiverem, poderão seguir com reflexões mais profundas sobre isso nesse contexto. Contudo, além disso, espera-se que a prática da ginástica continue nas suas vidas para além do que se assiste nas grandes competições. A ginástica pode fazer parte dos festivais escolares, da cultura escolar, da cultura do bairro em que se mora, das políticas públicas da cidade em que se vive. Dessa forma, "A 'janela de vidro', de simples abertura que emoldura a contemplação do mundo, torna-se uma janela que se atravessa para nele intervir." (BETTI, p. 271, 1997). Então se poderá, juntamente com a sua comunidade, compreender, apreciar e praticar a ginástica, indo ao encontro do que propõe Saviani (1991, p. 81): "[...] O ponto de chegada é a prática social, compreendida não mais em termos sincréticos pelos alunos".

Por fim, espera-se que os professores e as professoras possam inspirar-se com a exposição dessas ideias para seus trabalhos na escola e que possam criar outras propostas para o estudo da ginástica, partindo do contexto dos jogos olímpicos para chegar a outros interessantes lugares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 1994.
- ALMEIDA JÚNIOR, A. S. **Foto e Grafias**: Narrativas e Saberes

de professores/as de educação física. Orientador: Guilherme do Val Toledo Prado. 2012. 493 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

AYOUB, E. **A ginástica geral na sociedade contemporânea**: Perspectivas para a educação física escolar. Orientador: Vilma Lení Nista-Píccolo. 1998. 187 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

AYOUB, E. **Ginástica geral e educação física escolar**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

AYOUB, E.; GRANER, L. Transformando poema em gesto, cor da em estrela, conduíte em flor... *In*: TOLEDO, E.; SILVA, P. C. C. (org.) **Democratizando o ensino da ginástica**: estudos e exemplos de sua implementação em diferentes contextos sociais. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

BARBOSA-RINALDI, I.; PIZANI, J. Saberes necessários à educação física na escolar – a ginástica em foco. *In*: BORTOLETO, M. A. C.; PAOLIELLO, E. (org.). **Ginástica para todos**: Um encontro com a coletividade. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2017. p. 67-85.

BERTOLINI, C. M. **Ginástica geral na escola**: uma proposta pedagógica desenvolvida na

rede estadual de ensino. Orientador: Elizabeth Paoliello. 2005. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, educação e educação física.** Orientador: Nelson Carvalho Marcellino. 1997. 279 f. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BORTOLETO, M. A. C. **La lógica interna de la gimnasia artística masculina (GAM) y estudio etnográfico de un gimnasio de alto redimiento.** Orientador: Pere Lavega Burgues; Carles Feixa Pampols. 2004. 668 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Instituto Nacional de Educação Física, Universitat de Lleida, Lleida, 2004.

BORTOLETO, M. A. C.; PAOLIELLO, E. (org.) **Ginástica para todos: um encontro com a coletividade** (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 23 maio 2020.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).** Educação Física. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov>.

br/Seb/arquivos/pdf/livro07.pdf. Acesso em: 23 maio 2020.

BRATCH, Valter. **Educação física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura Corporal da Ginástica.** 4. ed. São Paulo: Ícone, 2011.

BROCHADO, F. A.; BROCHADO, M. M. V. **Fundamentos De Ginástica Artística e De Trampolins.** São Paulo, SP: Guanabara Koogan, 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia para o ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S. C. *et al.* **Práticas corporais: educação física: 1º e 2º anos: manual do professor.** São Paulo: Moderna, 2017.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. This is the World Gymnaestrada – We are gymnastics! **YouTube**, 2019. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=ZI1GPR1DQ5Y>. Acesso em: 31 maio 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLARDO, J. S. P.; SOUZA, E. P. M. A proposta de ginástica geral do Grupo Ginástico Unicamp. In: AYOUB, E.; SOUZA, E. P. M. de.; GALLARDO, J. S. P. (org.). **Coletânea de textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral.** Campinas:

Gráfica central da Unicamp, 1997. p. 25-32.

GOMES, L. C. N.; OLIVEIRA, M. F.; TOLEDO, E. A Ginástica para Todos e a educação física escolar nos anais do Fórum Internacional de GPT: Estado da arte. *In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS*, 18 A 21 DE OUTUBRO, 9. 2018, Campinas, SP. **Anais** [...]. Campinas, SP: FEF/UNICAMP; Limeira, SP: FCA/UNICAMP; Várzea Paulista, SP: Fontoura; São Paulo, SP: SESC, 2018. p. 121-123.

GALLARDO, J. S. P. Proposta de uma linha de ginástica para a educação física escolar. *In: NISTA-PICCOLO, V. L. (org.) Educação Física Escolar: ser... ou não ter?* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. p. 117-136.

GRANER, L.; PAOLIELLO, E.; BORTOLETO, M. A. C. Grupo Ginástico Unicamp – Potencializando as interações humanas. *In: BORTOLETO, M. A. C.; PAOLIELLO, E. (org.) Ginástica para todos: um encontro com a coletividade.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017. p. 165-198.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. **Teoria general de la gimnasia.** Buenos Aires: Editorial Stadium, 1970.

NEIRA, Marcos Garcia. **Práticas corporais:** brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2014.

NISTA-PICCOLO, V. L. A educação motora na escola: uma

proposta metodológica à luz da experiência vivida. *In: DE MARCO, Ademir (org.) Pensando a educação motora.* Campinas: Papirus, 1995. p. 113-120.

NISTA-PICCOLO, V. L. **Atividades físicas como proposta educacional para a 1ª fase do 1º grau.** Orientador: Lucila Schwantes Arouca. 1988. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

NUNOMURA *et al.* Os fundamentos da ginástica artística. *In: NUNOMURA, M. (org.) Fundamentos das ginásticas.* 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016, p. 211-255. v. 1

NUNOMURA, M. (org.). **Fundamentos das ginásticas.** 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016. v. 1

OLIVEIRA, M.; BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 297-309, abr./jun. 2009.

OLIVEIRA, M. F.; TOLEDO, E. **Ginástica para todos.** Anápolis, GO: Editora UEG, 2016.

PAOLIELLO *et al.* **Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos.** Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PINTO, L. G. S. **Expressão corporal como linguagem:** sentindo na pele possíveis diálogos. Orientador: Eliana Ayoub. 2001. 79 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação

Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PINTO, L. G. S. **O processo de ensino-aprendizado da ginástica na “minha escola”**. Orientador: Eliana Ayoub. 2013. 288 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

POL, D. O. D. C.; STEIGLEDER, F.; DORNELLES, A. S. N.; PADILHA, J. C. N. **Trampolim Acrobático: um pouco de história e de competição**. 2006. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd98/tramp.htm>. Acesso em: 31 maio 2020.

RODRIGUES, E. F.; MONTAGNER, P. C. Esporte-espetáculo, televisão e pedagogia do esporte: o que as crianças compreendem e as relações com um programa esportivo de televisão. **Revista digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 85, p. 1, jun. 2005. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd85/tv.htm>. Acesso em: 31 maio 2020.

RUSSEL, K., KINSMAN, T. **National Coaching Certification Program: Introductory Gymnastics Level 1**. Ontario: Gymnastics Canadá Gymnastique Publication, 1986.

SANTOS, J. C. E. dos. **Ginástica para todos: elaboração de coreografias, organização de festivais**. 2. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Caderno do professor: Educação Física,**

ensino fundamental – 6ª série. São Paulo: SEE, 2009. v. 3

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SCHIAVON *et al.* (org.). **Ginástica de alto rendimento**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística feminina e história oral: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)**. Orientador: Roberto Rodrigues Paes. 2009. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

SCHIAVON, L. M. **O projeto crescendo com a ginástica: uma possibilidade na escola**. Orientador: Vilma Lení Nista-Piccolo. 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCHIAVON, L.; NISTA-PICCOLO, V. L. A ginástica vai à escola. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 131-150, set./dez. 2007.

SOARES, C. L. **Educação Física: Raízes européias e Brasil**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOUZA, E. P. M **Ginástica geral**: Uma área do conhecimento da educação física. Orientador: Carlos Alberto Vidal França. 1997. 163 f. Tese (Doutorado em educação física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

TOLEDO, E. Fundamentos da ginástica rítmica. *In*: NUNOMURA, M. (org.). **Fundamentos das ginásticas**. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016. p. 149-180. v. 1.

TOLEDO, E. **Proposta de conteúdos para a ginástica escolar**: Um paralelo com a teoria de Coll. Orientador: Vilma Lení Nista-Píccolo. 1999. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

TOLEDO, E.; SILVA, P. C. C. (org.) **Democratizando o ensino da ginástica**: estudos e exemplos de sua implementação em diferentes contextos sociais. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

Artigo submetido em 08 de abril de 2020

Artigo aprovado em 28 de maio de 2020